

IMIGRANTES PORTUGUESES: FÉ E PERMANÊNCIAS

Yvone Dias Avelino¹

“A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores”²

RESUMO:

O presente artigo se debruça acerca dos deslocamentos humanos na História, mas também, a Imigração também como fenômeno da humanidade, na fronteira e suas transposições nacionais. Em levas os fluxos migratórios que atingiram o Brasil na segunda metade do séc. XIX, inseriram o país numa dinâmica transnacional de deslocamentos que caracterizaram a expansão do capitalismo e a projeção da Europa em outros continentes. Apresentamos um apanhado geral sobre a imigração portuguesa para o Brasil. Ao elaborarmos este artigo onde incluímos o bairro da Vila Madalena, nos deparamos com a sua História, suas transformações, e com a necessidade de analisarmos essas diversas imagens e seus notáveis personagens, oriundos de minúsculas aldeias de Portugal.

Palavras-chave: imigração; Portugal; deslocamentos; Brasil; História.

ABSTRACT:

This article focuses on human displacements in History, but also Immigration as a phenomenon of humanity, on the border and its national transpositions. In waves the immigration flows that reached Brazil in the second half of the century. XIX, inserted the country in a transnational dynamic of displacements that characterized the expansion of capitalism and the projection of Europe in other continents. We present an overview of Portuguese immigration to Brazil. In preparing this article, including the Vila Madalena

¹ Professora Titular do Departamento de História da PUC/SP.

Coordenadora do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC)

Editora da Revista CORDIS

² BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 5ª edição, 1993, p. 198.

neighborhood, we came across its history, its transformations, and the need to analyze these various images and their remarkable characters, coming from tiny villages in Portugal.

Keywords: immigration; Portugal; displacements; Brazil; History.

Os deslocamentos humanos são tão antigos como a própria História dos homens, mas também, podemos afirmar que a Imigração também foi um fenômeno da humanidade implicando inevitavelmente, na fronteira e suas transposições nacionais.

Em levas os fluxos imigratórios que atingiram o Brasil na segunda metade do séc. XIX, inseriram o país numa dinâmica transnacional de deslocamentos que caracterizaram a expansão do capitalismo e a projeção da Europa em outros continentes. 35 milhões de pessoas deixaram a Europa entre 1870-1914. Segundo Joel Serrão³ entraram no Brasil, 1.162.299 só de imigrantes portugueses.

Havia variadas propagandas que ofereciam trabalho e a possibilidade de melhora de vida. As companhias de navios seduziam com imagens de um país lindo e com oportunidades no Brasil.

Para uma visão mais ampla sobre os imigrantes portugueses, Eulália Maria⁴ nos dá contribuições excelentes, assim como também Miriam H. Pereira⁵.

Fizemos este pequeno percurso sobre a imigração portuguesa para o Brasil, e não vamos nos estender sobre esse momento histórico.

³ SERRÃO, Joel. *Emigração Portuguesa: Sondagem histórica*. Lisboa: Livros horizonte, 1974.

⁴ LOBO, Eulália Maria L. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

⁵ PEREIRA, Miriam H. *A política portuguesa de Imigração (1850-1930)* Bauru: EDUSC, 2003.

Primeiro porque não é o nosso foco neste artigo e a produção historiográfica sobre esse assunto é ampla e tem sido muito enriquecida nos últimos anos na historiografia contemporânea onde a temática tem alertado pesquisadores para a presença lusitana, aonde vamos nos deter na cidade de São Paulo especialmente. Várias são as razões para que esses sujeitos emigrassem em variadas temporalidades. Podemos destacar as econômicas, sociais e familiares em cada uma das comunidades de onde esses cidadãos portugueses emigraram, assim como as fugas, dúvidas, recrutamentos militares a densidade demográfica que geram ausência de trabalho, salários baixos, além do forte desejo de “fazer América”.

A cidade de São Paulo era para muitos o foco privilegiado gerado pelo crescimento urbano. Neste “espaço de acolhimento” os portugueses tratavam de arranjar emprego nas fábricas, obras públicas, particulares e ocupações informais.

O comércio foi ativado, sobretudo em pequenas casas comerciais que praticavam o varejo. Imagens de grande luta e resistências, criação de espaços de sociabilidade e de religiosidade na formação de comunidade, como é o caso da Vila Madalena, bairro formado por imigrantes portugueses com chácaras, armazéns, escola e Igreja⁶. As origens do bairro, hoje mais conhecido por “bairro boêmio” mostra-se em outro cenário onde se alocam muitos bares, restaurantes, uma escola

⁶ AVELINO, Yvone Dias. *Vila Madalena e a imigração portuguesa: cultura, trabalho, religião e cotidiano*. In: SOUZA, Fernando et al. *Deslocamentos e Histórias: Os portugueses*, Bauru, Edusc, 2008.

de samba, as escolas que se ampliaram e a Igreja que também foi transformada na sua arquitetura.

Nesse bairro e em outros onde os imigrantes portugueses formaram importantes comunidades, e mantiveram costumes e tradições. A principal delas e que se disseminou foi a fé e a prática religiosa. No bairro da Vila Madalena a Santa escolhida foi Santa Maria Madalena, a apóstola de Jesus Cristo que deu nome ao bairro e é a padroeira da Igreja que leva seu nome. Mas outros santos até foram homenageados como Santo Antônio, São João e São Pedro, os santos juninos que em nome da sua constante fé essas famílias acendiam fogueiras com barulho de fogos, que pipocavam noite adentro, mastros com a efígie do santo, batatas doces na fogueira, pinhão cozido e bolinhos de bacalhau, além do pãozinho em um sanduíche com salsicha e muita alegria, danças e variadas “sortes” para as jovens solteiras. A alegria rolava madrugada adentro quando as iguarias eram apreciadas. Antes se rezava e se pedia a proteção divina para a família toda em volta da fogueira. Claro que as ruas não eram asfaltadas e não tinham iluminação. Eram tempos sem violência, de muito amor e muita fé que passava de pais para filhos. Sabemos que a fé é um ato humano e um dom sobrenatural ao mesmo tempo, que é praticado de forma individual ou coletiva. A fé é uma adesão ao dom sobrenatural de Deus, muito bem esclarecido por Agostinho da S. Cidrão⁷.

⁷ CIDRÃO, Agostinho da Silva. *Eu creio, nós cremos*. In: Boletim Informativo da Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima, junho, 2021.

Santo Antônio, que se chamava Fernando Antônio de Bulhões, conhecido como santo casamenteiro, com fama de homem bonito. É também conhecido por ajudar a achar objetos perdidos e pela distribuição de pão bento no seu dia. Nasceu em Lisboa, Portugal, em 15 de agosto de 1195 e morreu em Pádua, Itália no dia 13 de junho em 1231, dia em que recebe as homenagens dos seus devotos.

São João Batista, nasceu em 24 de junho e faleceu em 24 de agosto do ano 31 d.C., na Palestina. Antes de Jesus Cristo, já fazia pregações e batizava pessoas no Rio Jordão, tendo batizado o próprio Messias. Segundo as tradições era muito alegre e festeiro. Os fogos e as fogueiras em sua homenagem servem para acordá-lo, pois é considerado dorminhoco e fazê-lo voltar à terra para abençoar seus festeiros no dia do seu aniversário em 24 de julho.

São Pedro, pescador de origem humilde é conhecido como protetor das viúvas e dos pescadores. Fazer chover é uma das suas atribuições, além de ser conhecido como o chaveiro do céu. Foi apóstolo de Jesus Cristo e o primeiro papa da Igreja Católica.

Essas histórias fazem parte da fé e da crença religiosa dessas famílias de imigrantes portugueses que se organizaram no bairro acima referido.

Além dessas comemorações, os imigrantes que salientamos neste artigo, e seus descendentes, sobretudo as mulheres, já em anos mais avançados como os das décadas de 50 e 60, ajudavam o pároco, Padre Olavo Pezotti a organizar procissões que percorriam as ruas principais do bairro. Esse dinâmico sacerdote até realizou grandes

festividades e fez uma significativa melhoria no bairro, solicitando as autoridades públicas colaboração como a construção do Colégio Carlos Maximiliano, o célebre Max, que abrigou bons professores e alunos dispostos a aprender. Bons tempos. A visita religiosa de Pe. Olavo ao Colégio era semanal e como bom psicólogo espiritual atuava junto a juventude. O bonde só chegou à Vila com a sua insistente ajuda. Nos finais dessa década de 60, o padre foi transferido para a Igreja da Consolação onde depois veio a falecer⁸.

Ao elaborarmos este artigo onde incluímos o bairro da Vila Madalena, nos deparamos com a sua História, suas transformações, e com a necessidade de analisarmos essas diversas imagens e seus notáveis personagens, oriundos de minúsculas aldeias de Portugal.

Na primeira década do século XX, com o progresso intensivo da imigração, e com a ampliação populacional, a cidade de São Paulo se modernizou e se dilatou, formando bairros, e a Vila Madalena foi ocupada por essas famílias de imigrantes portugueses, gente simples, de poucas letras, mas sábios construtores de um saber inigualável.

A Vila humilde, recebeu gente humilde também, que aí se notabilizou. Hoje são testemunhas insuspeitas, que se transformaram em documentos raros.

Trabalhadores do campo, de pequenas aldeias portuguesas que descortinavam o mundo diferenciado do trabalho atravessando o grande oceano e sofrendo na terceira classe de navios fétidos, com mulheres,

⁸ PEZZOTTI, Antônio Ivo. *Vila Madalena e suas figuras notáveis*. São Paulo: Editora Eletrônica W. Roth, s.d.

crianças, pouca comida e muita esperança. Viveram e viram alguns, e seus descendentes, a transformação do bairro. Eternizaram um passado no presente e deixaram rastros para o futuro que ainda não chegou, e que parece que se perdeu numa volta dessa longa e penosa caminhada.



Fonte: <https://www.saopauloinfoco.com.br/o-bairro-boemio-de-sao-paulo-a-vila-madalena/>

O Museu da Pessoa aí localizado nas fronteiras com outras Vilas importantes, como Vila Ida e Vila Beatriz, guarda um bom acervo sobre as principais famílias que ajudaram a construir esse bairro que se tornou famoso na contemporaneidade. Ele já foi conhecido como Vila dos Farrapos em meados de 1910, e que no séc. XVI foi território de indígenas e estava inserida na parte hoje do bairro dos Pinheiros, região onde havia um aldeamento de missionários jesuítas, que ministravam a catequese, faziam batizados, rezavam missas e ensinavam os hábitos do trabalho aos índios. Havia aí uma capela, cuja padroeira era Nossa

Senhora da Conceição. As fronteiras não eram rígidas a não ser geográficas.

Os morros e planaltos dos Pinheiros eram cortados pelo córrego Rio Verde, que nascia perto da hoje famosa e estilosa Rua Oscar Freire e desaguava no Rio Pinheiros, afluente do Rio Tietê que atravessa todo o Estado de São Paulo.

Os territórios do lado oeste do córrego, onde hoje se localiza a Vila Madalena, chamava-se no início do séc. XX, Sítio do Rio Verde. Alguns antigos moradores do bairro, relataram que o proprietário dessas imensas chácaras era um imigrante português que tinha três filhas, as quais deram origem aos nomes dos atuais bairros de Vila Beatriz, Vila Ida e Vila Madalena. Esse relato faz parte do imaginário popular dos habitantes dessas fronteiriças vilas. Nada encontramos que documente essa afirmação.

Esses imigrantes portugueses e seus filhos tornaram-se servidores da limpeza pública, motoneiros, cobradores de bondes, padeiros, carpinteiros, jardineiros, saqueiros, açougueiros, sapateiros, donos de “vendas”, pequenos empórios ou construtores de túmulos nos cemitérios São Paulo e Araçá, próximos à Vila.

Edificaram suas casas, quase todas iguais: baixas, em terrenos de 50 metros ou mais, aproveitados para jardins e hortas, criação de patos, galinhas, galos e imensas gaiolas de passarinhos.

Eram em geral duas casas: uma na frente, e outra nos fundos, ou para alugar ou para o filho mais velho, se já fosse casado, até que este ganhasse o suficiente para construir sua própria moradia em outro

espaço. Nessas habitações não podiam faltar na porta da entrada, em azulejo ou em um nicho, os representantes da religiosidade, por quem cada um tinha a sua própria fé: o Coração de Jesus, o de Maria, Santo Antônio, São José ou da Virgem de Fátima.

As casas eram separadas por muros baixos, para que a solidariedade se processasse e trocas fossem feitas com amor, paz e respeito. Naqueles tempos, vizinhos eram amigos que trocavam ideias e se ajudavam mutuamente, e que ninguém se intrometesse nesse “parentesco” e no saudável viver deles.

A alegria tão peculiar a essa gente era extravasada nas memoráveis quermesses, festas religiosas e nas comemorações cívicas com partidas de futebol disputadíssimas entre os times rivais do E.C. União Operária, mais tarde 1º de maio, e o E.C. Leão do Morro, de Vila Beatriz.

O interesse desses agentes estava centrado na organização da família, da religião, do trabalho e da irmandade solidária.

Com o loteamento do antigo sítio do Rio Verde e em função das grandes transformações por que passou a Vila que cresceu e passou por vários cenários: nos anos 60 e 70 abrigou a população de estudantes, professores e funcionários da então recém-inaugurada Cidade Universitária da USP. O Estado criou um Colégio público e inúmeros outros particulares apareceram.

Pela localização, pelo valor baixo dos aluguéis à época, vários artistas, intelectuais tecelões para aí mudaram. As costureiras, os alfaiates, as bordadeiras, as doceiras de um passado artesanal de ontem,

desapareceram e deram lugar à estilistas e modistas. A Vila tornou-se eclética.

Nos anos 80 começaram a surgir, bares, galerias de arte, ateliês, lojas de grife que têm sua divulgação em roteiros turísticos da grande São Paulo, trazendo para região sujeitos de outras paragens. A Vila foi ficando mais atraente, elevando o valor do metro quadrado residencial. Gerou até uma novela da Globo, intitulada Vila Madalena, produzida por uma das maiores emissoras da TV pública brasileira e transmitida em vários países e sucesso absoluto em Portugal.



Fonte: <http://www.culture-se.com.br/noticias/456/o-charme-da-vila-madalena>

Hoje a Vila se impõe como um dos bairros mais conhecidos desta imensa megalópole. É hoje o grande encontro da boêmia paulistana.

À noite ela se ilumina de néons coloridos com o tom da alegria de uma juventude desenfreada, bonita, descontraída que dão o toque sofisticado da São Paulo noturna.

A Escola de Samba Pérola Negra, está na Vila desde quando esta era um local tranquilo e ainda não tinha a agitação dos dias atuais.

No enredo do Carnaval de 2004 seu tema foi:

“Oh!

Madalena de suas tribos

Pérola Negra

Faz o seu Canto”

Uma recuperação da antiga, História iniciada pelos imigrantes portugueses até a moderna Vila Madalena. Os mais de 1.500 componentes e os quatro carros alegóricos expuseram momentos importantes dessa memória coletiva com a chegada dos imigrantes, dos intelectuais, dos artistas, dos hippies, da Feira das Artes e da boêmia que marcaram o local como reduto de representação cultural da “Paulicéia Desvairada”⁹ deixando na Avenida do Sambódromo, no sapateado dos seus sambistas e suas baianas, e de todos os figurantes a marca indelével da construção e da contribuição inicial desses imigrantes portugueses.

Nesta Vila icônica na mesma rua onde encontramos o desfile carnavalesco dessa Escola de Samba, encontramos o lugar de paz e fé da Igreja de Santa Maria Madalena, hoje com uma arquitetura diferenciada, centrada no estilo do brutalismo projetada pelo arquiteto Joaquim Guedes, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. O Profano e o Sagrado presentes na Vila.

⁹ Expressão utilizada por Mário de Andrade ao se referir à cidade de São Paulo, em um livro seu com essa expressão em 1927.

Retomamos aos imigrantes e a fé , nosso objeto neste artigo, como elemento constitutivo das suas tradições, ressaltamos que essas antigas famílias traziam consigo uma fé inabalável em vários santos, da Igreja Católica, mas sobretudo na Virgem de Fátima que em 1917 apareceu à três pastorzinhos em Portugal, onde hoje se ergueu o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, na Cova da Iria, diocese de Leiria-Fátima, que é a concretização de um desejo de Nossa Senhora, manifestado às três crianças, de que fosse construída uma capela no lugar das aparições. O seu desenvolvimento seguiu o aumento progressivo do número de peregrinos, cujo acolhimento humano, pastoral e espiritual é a sua principal razão de ser.

As aparições da Virgem de Fátima são um acontecimento marcante na Igreja Católica, não apenas pela importância que assumiram para inúmeras pessoas, e pela sua extensa divulgação no mundo, mas também pela sua íntima ligação à mensagem do evangelho, pela profundidade com que marcam a vivência da fé de muitos dos católicos e pelo alcance profético dos seus apelos. A Igreja confirmou que elas apresentam uma proposta de crença válida de concretização da vida cristã.

Realmente, a mensagem de Fátima é importante e significativa para os devotos de todos os tempos; não ficou presa à uma época passada, mas projetou um forte dinamismo para o nosso presente e abriu horizontes de fé para o futuro não apenas para os filhos e netos dos imigrantes portugueses, mas para o futuro da humanidade, em um

impulso de renovação e fortalecimento da fé, um auxílio divino para o crescimento espiritual do povo de Deus.

Aí nesse território de fé repousa a paz de quem busca as representações emotivas desses acontecimentos emotivos.

Neste artigo, narradora e objeto se entrelaçam, pois ele parte da pesquisa e da rememoração de significativas passagens pessoais. Não se trata apenas da narrativa de acontecimentos religiosos/históricos quanto em 2017 a Igreja Católica comemorou os 100 anos da aparição, mas como eles me foram narrados sem que eu estivesse buscando tal narrativa. Não se trata, da mesma forma de uma pesquisa tradicional onde o pesquisador/historiador utiliza o documento oral ou escrito ou se apropria da linguagem para comprovar a verdade, embora esta seja relativa. São vivências e emoções que nos vêm à memória, e aqui são relatadas sem uma sequência lógica, mas apenas com a intenção de colaborar com a existência de fatos verdadeiros.

A memória é um entrar no túnel do tempo, de um tempo vivido, delineado pelo narrador e pela cultura onde este está inserido.

A memória é uma experiência viva, vivida, compartilhada e na maioria das vezes emotiva. É um sentimento de continuidade. História e Memória, não sendo a mesma coisa, se relacionam ambas com o tempo, retendo o que está vivo ou ainda capaz de viver na consciência do grupo.

Dentro do significado de Memória, não podemos deixar de apontar o extraordinário trabalho de Ecléa Bosi, a competente socióloga da USP e pioneira nestas questões da memória ao entrar nas lembranças

de velhos imigrantes¹⁰. A obra de Bosi somada ao prefácio de Marilena Chauí, desbravou um novo caminho para o historiador que deixa de ser refratário à memória e começa a adotar a documentação oral para inseri-la em suas pesquisas.

Outra obra importante é a de Paul Ricoeur¹¹, composta de três volumes, onde o tema é construído em um primeiro momento, entre a memória e os fenômenos mnemônicos e se aproxima da fenomenologia, o segundo é dedicado à História e o terceiro à uma meditação sobre o esquecimento.

Já para Le Goff¹², o célebre historiador francês da Escola dos Annales, que ao escrever História e Memória nos aponta a intrincada rede de conhecimentos que se ocupam da memória, afirmando que esta é um fenômeno individual que se liga à vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência da escrita, é objeto da atenção do Estado, que para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado, produz diversos documentos/monumentos, que faz escrever a História e acumula objetos.

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi”, assim nos fala Walter Benjamin¹³. Para o autor, a narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Recuperando os

¹⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹¹ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas. Papirus, 1994.

¹² LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

¹³ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. In: *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 224.

acontecimentos, memorizando-os, estabelece-se um processo, em que o vívido aparece nas reminiscências relatadas.

Centrada nestas afirmações volto aos imigrantes portugueses, cuja fé nunca os abandonou e carregados por uma presença divina transportaram para os filhos e netos essa fé inabalável. A Igreja Católica, hoje, ainda descreve as palavras de Nossa Senhora de Fátima em uma primeira aparição ocorrida há um século. Foi em 13 de maio de 1917, que os três pastorzinhos descendentes de famílias humildes, Lucia, Francisco e Jacinta viram pela primeira vez Nossa Senhora, na Cova da Iria, em Fátima, Portugal, cujo santuário, hoje no local das aparições, conforme relatado nas páginas anteriores deste artigo, é visitado por milhares de fiéis. A aparição se repetiu por vários meses, sempre no dia 13, até outubro daquele ano.

Cem anos se passaram e celebrou-se o Jubileu do Centenário de Fátima e a luz que irradia desse lugar continua iluminando os devotos da Virgem no mundo inteiro. As inúmeras graças concedidas pela Santíssima Virgem aos pastorzinhos foi uma primeira realização do triunfo do Imaculado Coração de Maria¹⁴.

Essas santas imagens foram eternizadas na memória do imigrante português que atualmente se perpetuou nas comemorações de todo dia 13 de cada mês na Matriz Paroquial Nossa Senhora do Rosário de Fátima no bairro do Sumaré, vizinho bem próximo da Vila Madalena.

¹⁴ AVELINO, Yvone Dias. *O Milagre da Memória*. In: Edgar da Silva Gomes, Arlete A. Monteiro e Yvone D. Avelino (org.) *Tecituras das Cidades, História, Memória e Religião*. Jundiaí, SP: Paco, 2017, p. 197 a 220.

Esse santuário bem grande se lota nos dias treze (13) de cada mês e há uma superlotação quando a Igreja é visitada pela imagem da Virgem Peregrina vinda de Fátima, Portugal, trazida pelo dinâmico Frei Alain André Henri Hévin, vigário paroquial que vai lá buscá-la para peregrinar nessa e em algumas outras paróquias da cidade de São Paulo.

Essa Igreja data de alguns anos atrás, quando no começo de 1931 o Conde José Vicente de Azevedo doou aos frades franceses da Terceira Ordem Regular de São Francisco – TOR, um terreno em um bairro que estava se formando, o Sumaré, para que aí construíssem uma casa destinada às obras das vocações e de uma Igreja dedicada à Nossa Senhora do Rosário¹⁵.

A Terceira Ordem Regular de São Francisco (Tertius Ordo Regularis Sancti Francisci), é uma ordem de família franciscana, da Igreja Católica fundada por Francisco de Assis em 1221. Surgiu do desejo de seus membros da Ordem Terceira da Penitência em levar um estilo de vida próximo a Primeira Ordem, em pobreza, castidade e obediência, em ambiente de clausura.

Em 1521, no dia 20 de janeiro, o Papa Leão X aprovou as regras para os ramos masculinos e femininos desta Ordem.

Em Portugal, em 1439, Frei João da Ribeira era Ministro Provincial da Terceira Ordem Regular, que junto com a sua congênere espanhola, formou a Congregação Independente, com Ministro Geral próprio. Reformada em 1568 foi incorporada à Província de Portugal

¹⁵ <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title>. Wikipédia, a enciclopédia livre. Visitada em 06/04/2020.

onde em 1586 passou à obediência direta do Ministro Geral da Observância. Em 1780 ganhou autonomia ao transformar-se em Congregação Lusitana dos Regulares da Terceira Ordem da Penitência.

Com casa provincial em Nossa Senhora de Jesus dos Cardais, em Lisboa, a congregação foi extinta em 1834¹⁶ razão pela qual o Conde José Vicente de Azevedo doou o terreno aos frades franceses. O doador formou-se pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em 1882. Foi eleito deputado provincial para a Assembleia Provincial de São Paulo nas 25^a, 26^a e 27^a legislaturas (1884/85, 1886/87 e 1888/89)¹⁷. Como deputado teve a aprovação de vários projetos, como a construção do Viaduto do Chá e da nova Catedral Metropolitana de São Paulo. Com a Proclamação da República esteve alguns anos afastado da política.

Voltou em 1898 e foi eleito seis vezes para a Câmara Legislativa de São Paulo. Foi eleito Senador em 1925 a 1927.

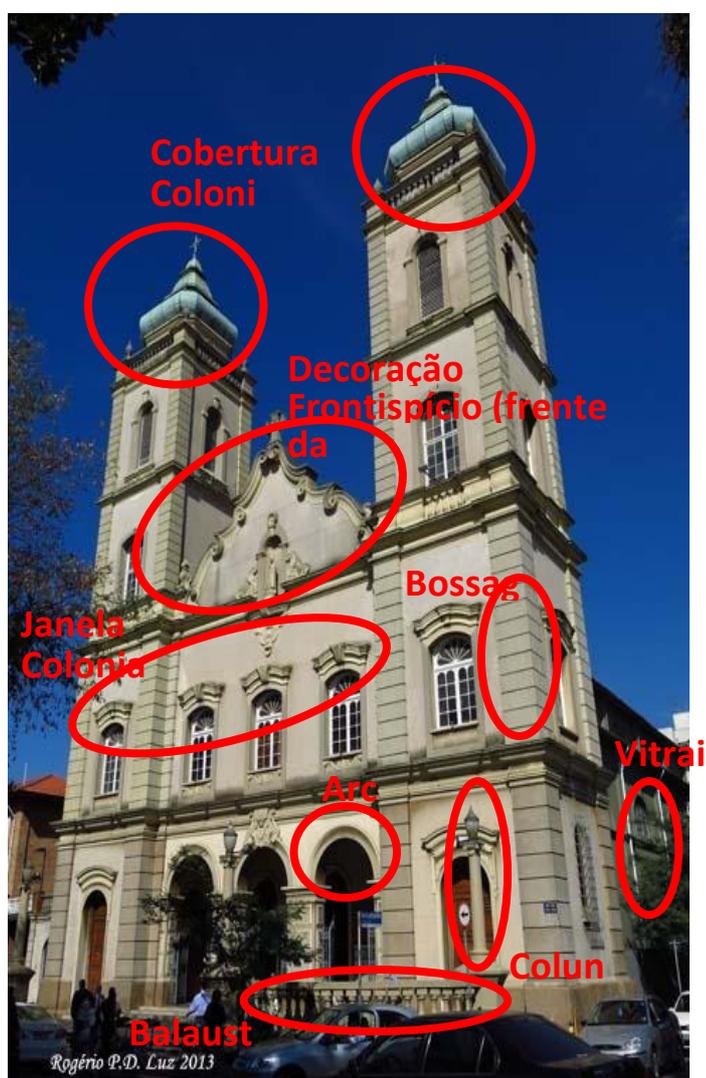
Com a vinda de Santa Paulina para o Estado de São Paulo, ajudou nas obras de caridade e em 1º/07/1935 foi condecorado pelo Papa Pio XI com o título de Conde Romano.

Católico fervoroso, é de sua autoria o famoso Hino à Gloriosa Padroeira do Brasil, que ficou conhecido como “Viva a Mãe de Deus e Nossa”. Esse hino foi oficializado no dia 11 de maio de 1951, pelo Cardeal Motta, arcebispo de São Paulo.

¹⁶ PASIN, José Luiz. *Os Barões do Café*. Aparecida: Editora Santuário, 2001.

¹⁷CALIMAN, Auro Augusto (org.). Assembleia Legislativa. Parlamentares. 1835 - 1998, Imprensa Oficial, 1998.

Após ter doado aos frades franceses o terreno, já no final daquele ano, três frades já estavam morando no Convento, ainda em construção e, no dia 9 de janeiro de 1932 foi rezada a primeira missa na Capela provisória. Quando a superior geral da Ordem Franciscana esteve no Santuário de Fátima em Portugal, ficou impressionado com a importância das aparições e com a fé à Virgem de Fátima naquele local que pediu que a nova Igreja do Sumaré a ela fosse dedicada.



Dom José Gaspar de Fonseca e Silva, décimo quarto bispo e segundo arcebispo de São Paulo, abençoou a pedra fundamental do novo santuário no dia 13 de maio de 1935. A primeira missa foi

celebrada um ano depois, mas a construção só foi concluída após 13 anos de muito trabalho, e com a ajuda de muitas famílias, em 1948.

A Imagem da Virgem de Fátima, que está no altar, foi entronizada no dia 13 de maio de 1939. A criação oficial da paróquia foi na Páscoa de 1940, e o primeiro pároco foi Frei Inácio Gau.

Desde então, a comunidade vem se expandindo e acolhendo um número sempre crescente de devotos de Nossa Senhora de Fátima. E aí neste santuário que o percentual de fiéis que formam a comunidade são de luso-brasileiros que celebram, com a expressão de sua cultura, fé e tradição os louvores à mãe de Jesus.

A Igreja encanta pela sua beleza arquitetônica, quando se chega em frente percebe-se muitos detalhes que são difíceis de esclarecer. Para falar sobre eles procurei entrevistar o Prof. Dr. Edmilson Peres Castilho que além de historiador é arquiteto e urbanista.

Matriz Paroquial Nossa Senhora do Rosário de Fátima

“A pedra fundamental do novo santuário foi abençoada por Dom José Gaspar Affonseca, no dia 13 de maio de 1935. A primeira missa foi celebrada um ano depois, mas a construção só seria concluída após 13 anos de muito trabalho, isto é, em 1948, com a ajuda de muitas famílias. A imagem de Virgem de Fátima que está no altar-mor foi entronizada no dia 13 de maio de 1939. (Arquidiocese de São Paulo)

Quanto ao estilo arquitetônico da igreja, apesar da mistura de elementos da arquitetura clássica, gótica, neoclássica, barroca na fachada e interior (Arcos, Vitrais, Colunas, Balaustre, Bossage), que são marcas do estilo eclético na arquitetura brasileira da virada do século XIX ao XX, e foi amplamente utilizada na arquitetura religiosa desse período, a “presença marcante” de alguns elementos do estilo barroco da arquitetura colonial brasileira, visível na cobertura das duas torres da igreja, nos detalhes decorativos do frontispício, na forma dos batentes das janelas da fachadas, a igreja pode

ser classificada com estilo arquitetônico neocolonial de influência portuguesa, bastante difundido em São Paulo nas décadas de 1920 a 1940, ainda mais considerando a comunidade imigrante portuguesa que gerenciou a obra de construção da igreja.

O movimento neocolonial nas Américas, muito associado às comemorações do centenário dos movimentos de independência dos países Latino-americanos, buscava expressões da nacionalidade na arte e arquitetura vernacular em contraponto a massificação do estilo eclético importado da Europa. No Brasil, o interesse renovado pelo estilo arquitetônico do período colonial vai eleger a Arquitetura Colonial de influência portuguesa como expressão genuína da arquitetura brasileira, em detrimento a “inexistência” de uma arquitetura indígena, determinando o estilo neocolonial como padrão arquitetônico de suporte para a modernização da arquitetura brasileira que deveria ser ao mesmo tempo tradicional e moderna. Apesar do estilo colonial, o método construtivo utilizava o ferro, tijolo, cimento, concreto e demais materiais manufaturados, bastante diferente do método construtivo colonial com uso manual da do taipa, pedra e madeira.”

Dentro dessa imagem arquitetônica a o espírito da fé, onde os imigrantes portugueses depositam os seus problemas, as suas crenças e suas tradições e ajoelhando aos pés da Virgem de Fátima. Há muitos outros templos que homenageiam Nossa Senhora de Fátima, mas nós nos detivemos nesse onde as nossas vivências e nossas memórias afloram.